

Depois da tempestade... a tempestade Uma ação de aprendiz audiovisual¹

Álvaro Benevenuto Jr. (*)
César Vinícius Massing (**)
Michael Susin (***)

RESUMO

Este texto apresenta reflexões a respeito da produção audiovisual fora dos espaços tradicionais - e proprietários - deste setor da indústria de conteúdos, da informação e do entretenimento. É um ensaio sobre os processos de apropriação do fazer audiovisual de atores sociais desprovidos de conhecimento técnico-científico do tema, mas que percebem, nestas atividades, oportunidades de gerar e qualificar ações para o reconhecimento de sua própria existência enquanto ser social. Este texto não é um manual para trabalhar a comunicação autoral, alternativa ou comunitária, mas sim a reflexão destes processos de compartilhamento do conhecimento acadêmico com a cultura popular no âmbito da produção audiovisual. Ele prospecta oportunidades no ambiente da interatividade e “tele-visão” interativa.

Palavras-chave: produção audiovisual, comunicação alternativa, difusão de conhecimento.

“A chuva cai lá fora, você vai se molhar...
já lhe pedi não vá embora...
espera o tempo melhorar”...
(Argemiro e Casquinha, 1978)

INTRODUÇÃO

A inspiração nos versos do samba que fez sucesso na voz da portelense Beth Carvalho é o ponto de partida para compreender o que a tempestade tem a ver com os processos de apropriação dos conhecimentos técnico-científicos por cidadãos comuns do século XXI. A multiplicidade da oferta de plataformas para a comunicação contemporânea disponível em nosso tempo, seja no âmbito privado ou público, tem imposto determinados protocolos de acesso que implicam em aquisição de conhecimento e de práticas no que se refere à operação de dispositivos eletroeletrônicos, de certa complexidade para as pessoas adultas (os migrantes digitais). E apesar deles serem amigáveis para jovens e adolescentes (pré-nativos ou os próprios nativos²), há um rol

1 Texto apresentado ao GT Conteúdos Interativos e Convergência Digital durante a reunião no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), 35º, Intercom, em Fortaleza, 2012.

(*) Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS, 2005), professor de Jornalismo de Televisão e Produção Audiovisual na Universidade de Caxias do Sul (UCS), coordenador do curso de Jornalismo. Pesquisador na área de realização audiovisual e de comunicação alternativa.

(**) Publicitário e militante do movimento hip-hop. Integrante do grupo Poetas Divilas (Caxias do Sul), pesquisador autônomo de Comunicação Alternativa. Monitor do Projeto Educação do Olhar na Associação Criança Feliz, Caxias do Sul.

(***) Estudante de Comunicação Social – Jornalismo, fotógrafo. Participa de projetos de difusão cultural e de produção audiovisual. Monitor do Projeto Educação do Olhar na Associação Criança Feliz, Caxias do Sul.

2 Migrantes digitais (originalmente imigrantes digitais) e nativos digitais são termos elaborados por Marc Prenski, em 2001, numa tentativa de compreender os novos comportamentos dos estudantes do ensino médio e superior americanos. Como migrantes ele entende a parcela de atores sociais que se acostumou com as novas tecnologias da informação e da

de técnicas e de atitudes implicadas na produção de conteúdos e para a circulação de informações que este segmento de atores sociais ainda desconhecem.

Com o objetivo de refletir sobre estas demandas sociais da comunicação e tendo como referencial maior pressuposto da liberdade de expressão para a conquista de reconhecimento do papel cidadão de cada indivíduo, esta observação se apoia na evolução dos dispositivos comunicacionais ofertados no mercado eletroeletrônico e centra o olhar na realização de conteúdos audiovisuais de projetos, programas e oficinas que envolveram jovens e adolescentes gaúchos no período de 2008 a 2012. Foram atividades realizadas por pesquisadores e estudantes Centro de Ciências da Comunicação da Universidade de Caxias do Sul.

1. AUDIOVISUAL NA ESCOLA

(1) Provocados a criar atividades atraentes para as turmas finais do ensino fundamental, os professores de História, Geografia, Português e Informática, da Escola Municipal Ramiro Pigozzi de Caxias do Sul, encontraram no audiovisual um caminho cativante. Mas como operacionalizar a ação se a escola, pública, em 2007, não tinha equipamentos necessários (havia recebido os 30 computadores do Laboratório de Informática naquele ano, porém, infraestrutura insuficiente para desenvolver as atividades de realização audiovisual)?

Procurar a faculdade de Comunicação Social da cidade foi a trilha perseguida pelos professores da Ramiro Pigozzi. No contato com os dirigentes acadêmicos, construiu-se um plano de ação envolvendo os acadêmicos de Comunicação Social matriculados na disciplina Projeto Experimental – Comunidade/Televisão e os estudantes da escola de ensino fundamental. Os primeiros com a missão de desenvolver oficinas para capacitar os segundos a fazer audiovisuais. Na retaguarda, os professores municipais desenvolveriam os trabalhos (estudos e roteirização) durante as aulas, conforme os conteúdos programáticos das séries envolvidas.

O segundo grupo incluiu em sua agenda de estudos a participação nas oficinas de realização audiovisual, criação e preparação dos roteiros, saídas de gravação e montagem do material. Foram realizados mais de 20 mini-metragens que abordaram as questões do reconhecimento dos locais de convivência, saneamento, trabalho e renda, associativismo, segurança pública, temas que integraram os conteúdos das disciplinas de humanidades, de língua portuguesa e da própria informática (conhecimento de programas e desenvolvimento de habilidades operacionais). Todos os trabalhos usaram dispositivos alternativos para a captura de imagens e sons (palmcam, câmeras fotográficas digitais, celulares e MP4). E foram montados em programas que compõem a arquitetura básica dos softwares comerciais. No final do período letivo, as peças produzidas nas

comunicação, isto é, aquele que se adaptaram aos novos modos de relacionamento eletrônico, a partir da proliferação da internet. Como nativos, ele considera aquelas pessoas que já estão integradas a este modelo de fruir as oportunidades de relacionamento virtual. Este debate pode ser analisado com mais detalhes em: <http://www.marcprensky.com/writing/>.

oficinas e nas aulas regulares foram avaliadas como o trabalho final. Tanto do estudantes do ensino fundamental, como dos universitários envolvidos (BENEVENUTO JR, 2008).

(2) Com história diferente e com a realização audiovisual consolidada como atividade extra-classe há mais de dez anos, a Escola Estadual São Rafael, em Flores da Cunha, viu-se tecnicamente órfã para prosseguir esta ação, concretizada nas edições do Festival de Vídeo Estudantil Astro, quando o Núcleo de Produção Audiovisual da cidade encerrou temporariamente sua atividade devido à política local, no início de 2010.³

O contato com a escola de comunicação também foi o caminho escolhido pelos envolvidos no Festival (escola e secretaria municipal). Ao apresentar a demanda, cuja solução tinha a máxima urgência – isso ameaçava a edição do concurso daquele ano, foi celebrado um convênio de cooperação técnica. Firmado o acordo entre os envolvidos, desenvolveu-se um programa de capacitação dos participantes do festival e foi dado o suporte necessário para finalizar os trabalhos classificados na seleção de roteiros. Estas ações foram coordenadas por um professor universitário, com a colaboração do corpo técnico do Laboratório de Televisão da universidade e de acadêmicos.

Durante o processo, apesar da atribulação para atender esta demanda, começou-se a conversar sobre a possibilidade de o Astro transformar-se numa atividade acadêmica, integrada à programas de aula do período letivo. A ideia foi bem aceita, porém, ainda não se avançou muito nesta direção. Mas um passo importante foi dado na edição 2012 deste festival: a comissão de organização do evento não depende exclusivamente do suporte que o núcleo dava para as produções, conquistando relativa autonomia para manter sua produção audiovisual. (BENEVENUTO JR., 2011)

(3) A ação pedagógica nos ambientes de educação a distância encontra na realização audiovisual um importante aliado para promover a apreensão dos conteúdos das várias disciplinas. É uma ação há muito experimentada e comprovada como eficiente. Aqui no Brasil, a saber, desde a assinatura dos convênios com o departamento de solidariedade internacional do governo norte-americano (convênios para o desenvolvimento educacional MEC-USAID, na década de 1960). Porém, a prática cotidiana dos professores se concentra em outras direções: estudos dos conteúdos específicos de suas disciplinas, pesquisas de objetos de aprendizagem e de outros assessorios pedagógicos; preparação dos planos de aula entre outros afazeres.

Quando a proposta de objetos de aprendizagem na linguagem audiovisual vem à tona,

³ O Festival Astro, que estava em sua 12ª edição em 2010, dependia do suporte técnico-operacional que o Núcleo de Produção Audiovisual oferecia. Este núcleo, ligado à prefeitura de Flores da Cunha, era coordenado por um profissional comissionado que, por ser parente do prefeito empossado, foi desligado em função das restrições ao nepotismo. E não houve substituição do mesmo provocando o recesso do Núcleo. Este festival se caracterizava em produzir peças densamente acabadas, transparecendo, nitidamente, a intervenção profissional nos produtos realizados por estudantes, a priori, com conhecimento limitado do mundo da realização audiovisual – situação que se verifica na maioria dos certames desta natureza. Com a entrada da assessoria universitária, o Astro ganhou, novamente, contornos de ser das produções dos estudantes, com a mínima interferência profissional e com o caráter de investigação e descoberta dos caminhos para a profissionalização.

aparece a demanda do conhecimento específico sobre o cenário e as oficinas de capacitação tornam-se a opção essencial. Evitam-se, assim, sofrimentos maiores para galgar o objetivo. Esta foi a inspiração do curso de especialização em Educação a Distância, promovido pela Universidade de Caxias do Sul, em 2010, desenvolvido completamente no ambiente virtual de aprendizagem (plataforma Moodle), no qual o autor desenvolveu os conteúdos de Produção Audiovisual, consistindo numa disciplina de 30 horas. Neste evento, optou-se, também no uso dos distintos dispositivos⁴ de captura de imagem e som, bem como no uso dos programas “embarcados” nas máquinas para a montagem das peças audiovisuais. (BENEVENUTO JR., 2010)

2. AUDIOVISUAL NO MOVIMENTO SOCIAL

Que a comunicação é uma importante ferramenta para os movimentos sociais não há dúvida. Há anos se estudam os processos, produtos e impactos da Comunicação realizados nesta e por esta arena de atadores sociais.⁵ E o audiovisual tem história bastante interessante. (BENEVENUTO JR, 1998, 1999, 2001)

Com a digitalização dos processos de produção de conteúdos midiáticos e com a multiplicidade de oferta de dispositivos para a realização de peças de informação, entretenimento e de comunicação individual - câmeras para a rede, telefones celulares, *tablets*, entre outros – os distintos segmentos deste ambiente, que se classifica como movimento social, conseguiram potencializar a realização e difusão de suas mensagens. Isso potencializa a ação militante e coloca as mensagens em destaque na rede. Se há ou não recepção e repercussão, não vem ao caso. É certo, entretanto, que elas ganharam agilidade na fase de captura, edição e difusão – ferramentas importantes na luta contra os domínios da mídia de massa.⁶

E a mesma demanda do ambiente escolar se apresenta, com maior relevância ainda, pois no movimento social o conhecimentos técnico e teórico do fazer comunicação – e ainda mais a audiovisual – raramente faz parte do menu de capital intelectual dos atores sociais: compartilhar o conhecimento formal com o informal no âmbito da realização audiovisual. E são três as experiências descritas a seguir:

(1) O Projeto Lente Jovem começou em 2010, propondo compartilhar a teoria e a prática da realização audiovisual com adolescentes e jovens de comunidades vulneráveis social e

4 Dispositivos não convencionais para a realização audiovisual, mas que integram o cotidiano dos professores. A exemplo dos estudantes do Ramiro Pigozzi, optou-se pelas câmeras fotográficas, celulares, tablets (que já existiam neste período).

5 Encontram-se muitos produtos de comunicação na história dos movimentos sociais. Jornais, panfletos, programas de rádio, vídeos, entre outros. Mais recentemente, os blogs e as redes sociais tem oferecido muitos conteúdos. O movimento social tem sido vanguarda na aplicação das novas tecnologias da informação e da comunicação, pois seu comprometimento maior é com a difusão das informações e não com a sua qualidade técnica. Na própria Intercom, por exemplo, Comunicação e Cidadania é herdeiro de outras denominações de coletivos nos quais os pesquisadores detiveram a atenção nos movimentos sociais.

6 Ver discussão interessante em BRASIL, Antonio. **Telejornalismo, internet e guerrilha tecnológica**. São Paulo: Ciência Moderna, 2002.

economicamente. As oficinas começaram na região do Arquipélago do Guaíba, que compreende seis ilhas, sendo três delas habitadas e convivendo com a contradição da pobreza extrema (pescadores e recicladores de resíduos sólidos) e a riqueza exuberante (mansões, marinas e atracadouros para embarcações de lazer).

Ele foi coordenado pela equipe do Centro Multiprofissional de Assessoria, uma organização civil e sem fins lucrativos, que já desenvolvia projetos de desenvolvimento econômico e social no local, e a associação Fé e Alegria. O financiamento foi proveniente de projetos de incentivo à solidariedade, do Governo gaúcho. A primeira edição, que foi desenvolvida através de oficinas aos finais de semana, na modalidade presencial (com a participação da equipe de quatro monitores) teve a inscrição de 30 jovens e adolescentes.

Destes, somente 10 concluíram as oficinas, tendo em vista a não ser uma atividade curricular, que proporcionasse algum tipo de certificação.⁷ Este grupo produziu três peças audiovisuais, participando de todas as etapas do processo de realização – do roteiro à exibição em tela. Os temas abordados foram: as batalhas das gangs, desemprego e o lazer da população ribeirinha. Assuntos vividos cotidianamente pelos participantes das oficinas e retratados por eles mesmos. São vídeos que estão disponíveis na rede.⁸

A segunda etapa deste projeto, desenvolvida em 2010, seguiu o mesmo caminho. Mas agora, reunindo as comunidades do Arquipélago e do Moro da Cruz (bairro Partenon, em Porto Alegre), conhecido por ser um dos principais pontos de tráfico e reduto de marginais da cidade. Desta vez o patrocínio foi da Petrobrás e teve inscrição 20 candidatos e a participação ativa de quinze jovens. Cinco deles, envolvidos com atividades de educação e de mobilização popular, cinco oriundos da primeira edição do projeto e cinco novos integrantes.

Desta etapa resultaram mais três obras, que abordaram: a solenidade de Páscoa no Morro da Cruz – evento tradicional e comunitário, onde as inúmeras expressões culturais estão presentes no percurso da procissão da paixão -, debate sobre as classificações do Guaíba – rio ou estuário e as suas repercussões nos projetos ambientais –, a gravidez na adolescência e a vida dos moradores de rua.⁹

A terceira edição, também patrocinada pela petrolífera, aplicou a mesma metodologia – de oficinas presenciais e de livre participação. Ela teve a participação de 40 adolescentes e jovens do Arquipélago.

Só que desta vez, os monitores responsáveis pela coordenação das atividades teórico-práticas foram formados nas duas edições anteriores do projeto. Um passo que consolidou o

⁷ O projeto não tem caráter de educação formal. Na informalidade dos encontros realizados aos finais de semana, numa escola municipal que aderiu ao programa Escola Aberta, ele operou na direção de oferecer uma atividade de aprendizagem – e de cidadania – para personagens expostos à miséria, criminalidade e ao tráfico de drogas.

⁸ www.camp.org.br/lentejovem.

⁹ Trabalhos também disponibilizados na rede.

propósito de compartilhar o conhecimento acadêmico sobre o fazer do audiovisual e da apropriação deste patrimônio pelos atores sociais. O trabalho está em andamento e projeta-se a realização de mais quatro vídeos. E se engajou no coletivo da pesquisa Intervenções Áudio e Visuais da Juventude, coordenados pelas pesquisadoras Deisimer Gorczewski, do Departamento de Arte e Cultura da Universidade Federal do Ceará e Nair Silveira dos Santos, do Departamento de Psicologia da UFRGS, coordenadora do programa PET – Políticas Públicas e Juventude. Enquanto se prepara a exibição das peças audiovisuais, a coordenação do CAMP elabora o projeto das próximas edições do Lente Jovem. Com objetivo reformulado: a organização de um coletivo de produção audiovisual que trabalhe a geração de renda de seus participantes. Para o movimento social é uma alternativa para efetivar suas produções.

(2) Em Bento Gonçalves, serra gaúcha, o coletivo InterPlay Brasil, grupo FLOWise e o programa PROJOVEM Urbano (governo federal) optaram pela produção audiovisual para compor o espetáculo AFFECTUS, montado pelos participantes da oficina de artes cênicas realizadas na Casa de Cultura de Bento Gonçalves. A produção dos elementos cênicos do espetáculo – com imagens em movimento – ficaram sob a responsabilidade dos participantes do programa PROJOVEM, que atende pessoas em situação de risco (desamparados pela família, violência doméstica, drogadição, entre outros). Era uma turma de quinze participantes que estiveram nas oficinas desenvolvidas por estudantes universitários que cursavam a disciplina Projeto Experimental Comunidade.

Sob a metodologia presencial e com o uso de dispositivos não dedicados à captura de som e de imagem, o grupo produziu os elementos cenográficos para o espetáculo AFFECTUS e um documentário do processo de criação da peça, que está disponível na rede¹⁰. As atividades específicas do audiovisual foram desenvolvidas entre março e junho de 2010, mobilizando uma equipe de quatro monitores.

(3) Associação Criança Feliz, em Caxias do Sul, é uma organização civil que funciona numa das regiões carentes da cidade. E sob a ameaça de enchentes a cada chuva rápida. Ali, a entidade desenvolve programas de educação não formal que visa o reforço dos laços e pertencimento comunitário, visando a valorização do sentimento (e de propriedade) de cidadania. A Criança Feliz oferece atividades durante a semana para crianças de até 14 anos de idade, em turmas no contraturno da escola, envolvendo artes plásticas, música, folclore, artes visuais e hoje, a produção audiovisual. São oficinas¹¹ presenciais, desenvolvidas por dois monitores, mobilizando 25 crianças, que têm o compromisso de participar de todos os encontros. Estas oficinas, em andamento, experimentam o uso de dispositivos de captura não dedicados (câmeras fotográficas digitais). Está

¹⁰ <http://nadiathalji.blogspot.com.br/search?updated-min=2010-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2011-01-01T00:00:00-08:00&max-results=19>

¹¹ Com financiamento do Programa Criança Esperança -UNESCO.

projetado a realização de seis peças audiovisuais a serem projetadas para a comunidade no fim do ano.

3. IMPACTO, REPERCUSSÕES

O diário de campo¹² do observador destes fenômenos está cheio de apontamentos que expressam a sensação de alegria e de perplexidade dos participantes das oficinas. As manifestações, seja daquele que vai buscar seu conhecimento, como dos monitores, seguem na mesma direção: “não sabia que eles eram capazes de fazer isso”. Apesar de não respeitar a citação literária dos observados nestas atividades, é perceptível o compartilhamento da alegria em concluir as tarefas destinadas à realização audiovisual.

Em depoimento que está no documentário Olhar Eletrônico, Echer (2009) informa que não percebia a oportunidade de um jornalista atuar como educador popular, especialmente ao poder compartilhar seu conhecimento acadêmico com pessoas que vivem distantes da academia. Já Gomes (2012), percebe que conhecer as técnicas da realização audiovisual provoca mudanças na forma de ver os conteúdos da televisão e do cinema: “mudou porque antes eu não percebia o foco das imagens, enquadramentos e planos”, enquanto Silva (2012) complementa: “agora eu analiso coisas diferentes”. Estas são duas opiniões de atores sociais com 12 anos de idade, participantes da oficina de realização audiovisual na Associação Criança Feliz.

Outras manifestações revelam a percepção destes personagens para colocar as mensagens de valorização da cidadania e da cultura em circulação, tanto no ambiente virtual como o físico: “posso mostrar ação, terror, evitar erros, por causa que tem como mostrar como as pessoas vivem” (MEDEIROS, 2012). Ou as intervenções destes atores em seus próprios trabalhos, como ocorreu na performance das *rappers* Jeannifer Stephani, Paola e Paula Aguiar, em “Gravidez na Adolescência”.

E também a oportunidade dos participantes se assumirem como multiplicadores deste compartilhamento de conhecimento que produz atividades com a perspectiva de gerar renda ou de construir reconhecimentos e/ou conquistas de direitos sociais e respeito à vida, a exemplo dos monitores da terceira edição do Projeto Lente Jovem.

4. CONCLUINDO

As experiências relatadas são singelas entradas num ambiente muito maior. É certo que as condições de comunicação multiplataforma implica em convergência nos serviços de

¹² Os monitores das ações na Associação Criança Feliz estão envolvidos na coleta de dados para trabalhos acadêmicos e construção de projetos de pesquisa sobre o audiovisual realizado fora dos ambientes tradicionais de produção. A metodologia etnográfica foi a opção que está mais adequada para esta observação, tendo em vista o envolvimento dos mesmos nas atividades. Os diários de campo tem sido analisados a cada final de mês, também como forma de avaliação do andamento dos trabalhos.

processamento de dados, mobilidade para permitir acesso aos conteúdos através de qualquer aparelho receptor instalado em objetos móveis; de portabilidade, que fomenta a fruição dos conteúdos em outros aparatos eletrônicos, interatividade para estabelecer as conversas entre audiência e operadores superam os limites e ainda não estamos em plena operação.

O uso das oportunidades, até o esgotamento, revelará novas demandas para as bancadas. Esta situação revela que há a oportunidade de compartilhar os conhecimentos para a realização de conteúdos, pois apenas quando a audiência conviver amigavelmente com esta tecnologia e, centralmente, entender que o ambiente digital no Brasil oferece é permeado por janelas que valorizam a liberdade de expressão: basta saber usar as ferramentas.

A convergência tecnológica e a realização dos conteúdos digitais quebram paradigmas. É um movimento tão desconhecido que nem mesmo seus inventores não compreendem inteiramente. É nesta hora que o processo de alfabetização audiovisual digital ganha a importância e atividades de aprendizagem, respeitando as diferenças regionais, socioeconômicas e culturais. Há a necessidade de pensar em metodologias de trabalho para acelerar os processos de apropriação destas técnicas.

Referências

ASSOCIAÇÃO CRIANÇA FELIZ. Disponível em: <http://www.acriancafeliz.org.br/novo/quem-somos/o-que-fazemos>. Acesso em: 10 mai. 2012. BENEVENUTO JR. Álvaro. **De canal comunitário a POA TV: estratégias e políticas de ação da comunidade na TV a cabo em Porto Alegre**. São Leopoldo, 2005. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) - UNISINOS, São Leopoldo.

BENEVENUTO JR., Álvaro. **A digitalização do espectro e a oportunidade *transmídia*tica: apontamentos sobre as alternativas da comunicação contemporânea**. Texto apresentado ao GT 12 - Economia Política da Comunicação. Congresso Ibercom, XI, 2009.

_____. **Desafios à produção e difusão do audiovisual na fase da convergência digital**. Bienal de Comunicación, 4, México, Chihuahua, 2009. LEITE, Antônio. **Projeto Olhar digital**. Caxias do Sul: Ramiro Pigozzi. 2009. Disponível em: <<http://ramiropigozzi.blogspot.com/2009/11/projeto-olhar-digital.html>>. Acesso em: 13 nov. 2010, às 17h30.

CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL. Disponível em: <http://www.camp.org.br/?canal=lentejovem>. Acesso em: 10 mai. 2012 ECHER, Juliana. Entrevista fornecida ao documentário Olhos Digitais. Caxias do Sul, 2009.

GOMES, Emerson Luiz (12 anos). **Entrevista fornecida pelo participante da Associação Criança Feliz**. Caxias do Sul, mai. 2012.

MEDEIROS, Henrique de Oliveira (12 anos). **Entrevista fornecida pelo participante da**

Associação Criança Feliz. Caxias do Sul, mai. 2012.

PROJETO OLHAR DIGITAL. Disponível em:
<http://ramiropigozzi.blogspot.com.br/2009/11/projeto-olhar-digital.html>. Acesso em: 10 mai. 2012.

SILVA, Gabriela da Silva (12 anos) **Entrevista fornecida pelo participante da Associação Criança Feliz.** Caxias do Sul, mai. 2012.

THALJI, Nádia. Disponível em: <http://nadiathalji.blogspot.com.br/search?updated-min=2010-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2011-01-01T00:00:00-08:00&max-results=19>. Acesso em: 10 mai. 2012.